



Plínio Arruda: com medo da recessão

Economista do PT não quer cesta básica por achar que é esmola

Tenho medo de uma recessão pura e simples como remédio para combater a inflação. Tem de ser uma recessão tão grande que é o mesmo que queimar a casa para assar o leitão", afirmou ontem Plínio Arruda Sampaio Filho, professor de economia na Unicamp e um dos técnicos que participaram da elaboração do programa do PT.

Arruda criticou a proposta do PRN de fazer uma cesta básica que consumiria 2% do PIB, pois segundo ele a

população não precisa de esmolas. O economista quer

prioridade para a indústria de bens de consumo e uma

política de renda mínima para o trabalhador. "Chegou a

hora de Collor sair do palanque e governar", disse.

O economista acusou a estratégia do presidente eleito de jogar o povo contra o Congresso para enfraquecê-lo e, a partir daí, poder fazer suas manobras. Ele considerou o

momento econômico muito delicado e admitiu que seria

difícil governar para qualquer candidato que fosse eleito.

Arruda revelou que no dia 20 será realizada uma reunião

com Leonel Brizola, Miguel Arraes e outros líderes políticos

para estudar uma oposição a Collor sem infringir as

regras democráticas.

Arruda defendeu um prolongamento voluntário do

perfil da dívida interna, contestando o ex-presidente do

Banco Central, Afonso Celso Pastore, que havia afirmado

que o PT queria um prolongamento compulsório da

dívida, a exemplo do que fez Mussolini. Ele desafiou

Pastore a provar que o partido tivesse feito tal proposta,

observando que a campanha do PRN foi toda baseada em

mentiras, como as afirmações de que o governo do PT

invadiria casas ou daria o calote na dívida. O economista

concorda, no entanto, com as propostas do PRN de

esticar o aviso prévio para três meses e aumentar o valor

do seguro desemprego.

Plínio Arruda disse no Forum que imaginou que ali

fosse encontrar um representante explícito do PRN para

saber exatamente o que o partido pensa, o que não

aconteceu. Segundo ele, será impossível combater a infla-

ção se não houver novos horizontes para os empresários

investirem. É preciso se dizer para onde este país vai,

argumentou ele, defendendo a necessidade de se abrir a

economia, pois, como lembrou, já passou a época de

substituição de importações. Para fortalecer o mercado

interno, torna-se prioridade absoluta o desenvolvimento

da tecnologia, observou o economista.

Quanto ao setor público, torna-se importante redefinir

o padrão de financiamentos, disse, alertando que esta área

tem de estar integrada à política industrial. Arruda consi-

derou esquizofrônico o programa do PRN por achá-lo

neoliberal mas com uma vitrine social-democrata, pro-

pondo-se a facilitar a integração com a economia interna-

cional, que na sua opinião está marginalizando o País.